

*RESPONSE*

*de P. R. Berton*

## *1. Fala de pés descalços*

*Lounge de uma agência de publicidade. Festa de premiação do publicitário do ano.*

S *(um pouco sem jeito.)* - É, eu me lembro disso.

O *(animado.)* - E tu também não gostava de jogar futebol com a gente. Ficava sempre com as gurias.

*(Pausa curta.)*

O *(em tom de gozação.)* – Já era espertinho naquela época, hein! *(Toma um gole de champanhe. Arrota.)* Vem cá, vocês não vão servir outra coisa além disso?

S *(prontamente.)* – É só me dizer o que tu quer que eu chamo o garçom. *(Procura um garçom com os olhos.)*

O – Bobagem. Daqui a pouco passa um por aqui. *(Toma o resto do champanhe.)*  
Mas tu não mudou nada daquele tempo.

S – Tu também.

O – Que gentileza. Sempre cordial e educadinho. Isto aqui tá me apertando. Eu não agüento nada muito apertado.

*(O se senta e tira os sapatos e as meias com uma certa dificuldade. S observa interessado.)*

O – Ah, que alívio. *(Levanta-se e entrega as meias e os sapatos para S.)* Eu tenho que ir dar uma mijada. Já volto.

S – O banheiro é...

*(S hesita um pouco antes de cheirar discretamente as meias. S fecha os olhos com as meias no nariz. O telefone celular toca. S se atrapalha, larga os sapatos no chão, coloca as meias no bolso de fora do paletó e pega o telefone. S reconhece o número.)*

S – Oi. Agora eu não posso falar contigo. Tô no meio da festa, é óbvio.

*(O se aproxima de S.)*

S – Tá, tô com gente importante aqui.

O *(mostrando o copo de uísque na mão.)* – Olha o que eu achei. Da melhor qualidade.

S – Outra hora eu falo contigo. Beijo. *(Desliga o telefone. Coloca no silencioso.)*

O – É uma gatinha, não é? Quando elas grudam na gente, é foda. Ainda mais quando o cara tem grana como nós. (*Batendo na barriga.*) Elas reconhecem pela barriga.

S (*achando graça.*) – Mas tu nem tá tão gordo assim.

O – Ah, não? (*Levanta a camisa e mostra a barriga flácida. S se constrange. O baixa a camisa.*) Eu não sei me comportar direito. Meu pai sempre me disse isso. Tu não precisa repetir.

S – Eu nem ia dizer nada.

O – Tô brincando. (*Abraça S de lado com o braço sobre os ombros dele.*) Tu sempre foi camarada.

(*S fecha os olhos. E se aproxima num vestido bastante decotado.*)

E (*para S.*) – Que foi, tá dormindo de pé?

(*S abre os olhos imediatamente.*)

E (*olhando para os lados. Para S.*) – Tá um saco essa tua festa.

O – Não é a tua irmã?

E (*encarando O sem vontade.*) – A gente se conhece?

O – Claro. Eu era colega do teu irmão de colégio. Tu não te lembra de mim?

(*Pausa curta.*)

E – Ah. Lembrei.

S – O pai dele era dono daquela empresa de cimento.

E (*olha para a barriga de O.*) – Hum.

O (*para S.*) – Ela não deve achar graça nesses assuntos.

E – O garçom nunca passa.

S – Ela acha graça em muita pouca coisa.

O – Cara, quando eu vi ela pela última vez ela devia ter uns...

E (*para S.*) – Idiota.

O – Ai, desculpa, falei merda?

E (*sem dar atenção a O.*) – Olha quem tá lá.

S (*nervoso. Olha para E de forma ameaçadora.*) – Com licença. (*Sai apressado.*)

O – Tu me desculpa?

E – Por quê?

O – Ué, tu não ficou irritada comigo?

E (*sacando um cigarro.*) – O idiota é o meu irmão. Idiota.

O – Foi legal ter reencontrado ele depois de tanto tempo. Continua o mesmo.

E – Tem fogo?

O – Não fumo. *(Ri.)* Cigarro não.

*(E esboça um sorriso.)*

E – Agora começa a ficar mais interessante.

*(O se anima.)*

E – Tu faz o que mesmo?

O – Eu?

E – É. Trabalha com o teu pai?

O – É.

*(Pausa curta.)*

O *(segurando um sorriso.)* - Trabalho.

E – Hum, que mistério.

O – Na verdade eu não curto trabalhar.

E – E gosta de andar de pés descalços em festas por aí?

O *(olhando pros seus pés.)* – Ih, nem me dei conta que eu tava assim. Cadê as meias?

E *(sorrindo.)* – Gostei disso.

O – Do que?

E – Desse jeito descolado.

*(O se senta e coloca os sapatos com certa dificuldade.)*

O – Eu também tô achando isso aqui muito chato. Vamos procurar um outro lugar? Se o teu irmão não se importar com isso, é claro. Afinal ele é o centro das atenções.

E – Não é o primeiro e nem vai ser o último. Ele tem uns quantos expostos na sala dele.

O – Ele é um cara muito inteligente. Sempre foi. Vivia dando cola pra mim.

*(E percebe que O tem dificuldade em amarrar o cadarço.)*

E *(colocando o cigarro na boca e abaixando-se.)* – Deixa que eu te ajudo.

*(O se surpreende.)*

E – Eu ia dar um desses pro meu ex-namorado de aniversário, mas eu achei muito caro.

*(E se levanta.)*

E – Vamos logo, antes que ele nos descubra. *(Pega na mão de O e saem.)*

## *2. Lê de braços abertos*

*Estrebaria do Jóquei Clube. Uma hora antes da corrida de cavalos. X está sentado no chão, com as costas encostadas na parede do galpão, as pernas dobradas, os braços abertos, mascando um feno e lendo um livro. O e E se aproximam.*

O (*controlando uma certa irritação.*) – Só vim ver como é que tá a égua.

(*X fecha o livro, levanta-se e limpa a parte de trás das calças.*)

E – Mas que gente mais ignorante.

O (*com uma leve ironia.*) – O meu jóquei é um cara diferenciado. Passa o tempo todo lendo! Tu não pode chamar ele de ignorante.

E – Não. Ignorante foi o cara que desenhou esse uniforme dele. Branco?

O – Chama mais a atenção. Isso é o que importa.

X – Eu tava lendo porque já tá tudo pronto.

O (*seco.*) – Mas eu já tinha te pedido pra largar esses livros antes da corrida. A última tu ficou em quinto lugar.

X (*de cabeça baixa.*) – Quarto.

E – Eu posso chegar perto da égua?

X – Ela é muito suscetível.

O – Claro que pode. A égua é minha.

E (*achando graça.*) – Suscetível? Esse teu jóquei é um luxo.

O – Quem dera ganhasse sempre.

E – Ninguém ganha sempre. Tem vezes que a gente perde.

O – Quer passar a mão nela?

X – Ela não reage bem a estranhos.

E (*incisiva.*) – As éguas gostam de mim. (*Para O, sorridente.*) E eu delas. Mas deixa, ele deve saber o que tá falando. Depois tu vai dizer que não ganhou por causa de mim.

O – Eu não vou dizer nada disso. Se ela perder, a culpa...(*toca o telefone celular.*)

Só um pouquinho. (*Afasta-se um pouco de E e X.*) Alô?

(*X afaga a égua. E encara X com fascínio.*)

O – Tá. Tô indo aí. (*Desliga o telefone. Para E.*) Fica aqui que eu já volto. (*Sai.*)

(*Curto silêncio.*)

E – Eu sempre quis pular num cavalo. As éguas também gostam de ti?

X – Nunca tive problemas.

E – Faz tempo que tu trabalha nisso aqui?

X – Eu cresci nesse lugar. Meu pai era jóquei. Aprendi com ele.

E – Hum, que história interessante. Daria um filme. Ele monta ainda?

X – Não. Ele está muito doente. Não consegue nem vir me ver.

E – Deve sentir orgulho de ti.

X – Ele morreria se eu largasse isso aqui. E os remédios são caros. Ele mora comigo.

E – Complicado isso.

X – Mas eu não quero ficar aqui a vida toda.

E (*surpresa.*) – Não? Nunca pensou em ser modelo? Eu posso te dar uma mão se tu quiser. Conheço gente. Influente. Olha pra mim.

(*X levanta o olhar até E.*)

E (*lambendo os lábios.*) – Essa ossatura...máscula. É o que eles mais procuram.

X (*sem jeito.*) – Se a senhora não se incomodar, eu preciso terminar...

E – Claro que eu me incomodo. Eu sou convidada do teu patrão. Tu tens que me tratar muito bem.

X – Desculpa, eu não queria ofender.

E – Tudo bem. Eu só queria deixar bem claro quem é quem.

(*A égua relincha. X tenta acalmar a égua.*)

E – A tua namorada implica pelo fato de tu passar o fim-de-semana enfiado aqui?

X – Eu não tenho namorada.

E – Ah, não?

(*A égua relincha.*)

E (*para X.*) – Eu vou te tirar daqui.

(*X olha para E.*)

E (*rindo.*) – Não foi isso que eu quis dizer. Ou tu acha que eu ia querer me envolver com um ...jóquei ?

(*Pausa curta.*)

X – A égua tá nervosa. Vai comprometer.

E (*raivosa.*) – Foda-se a égua.

(*Pausa curta.*)

X – O seu namorado não quer me liberar.

E – Namorado? (*Dando-se conta.*) Ah, o gorducho? Somos apenas amigos.

(*A égua relincha.*)

E – Mas ele manda em ti?

X (*um pouco agitado.*) – Ali vem ele. Não comenta nada com ele. Por favor.

O (*se aproximando.*) – E então, tudo pronto pra vitória? (*Arrota. Para X.*) Olha, tem muita grana envolvida. Muita.

E – Eu tô com calor. Me leva pra beber alguma coisa. Aqui dentro é muito abafado. Tem um cheiro de bicho.

O – Deve ser aquela égua que tá no cio.

(*E fica sem jeito. X baixa a cabeça.*)

X – Com licença. (*Sai para dentro do estábulo.*)

(*O tropeça no livro de X. O chuta o livro pra longe.*)

O – Merda de livro. Só me atrapalha.

E – Talvez não seja a profissão certa pra ele.

O – Não tem essa. Por dois anos ele ganhou tudo. E eu ganhei muito dinheiro. Por que parou de ganhar agora?

E – Fases. Vai ver que a dele terminou.

O – Não. Sem essa. Investi muito nisso tudo. Eu quero retorno. E sem essa que o problema é a égua. Ela tá muito bem e obrigado. (*Olha para o relógio rolex.*) Vamos lá então beber alguma coisa antes do primeiro páreo.

### *3. Desenha com os seios de fora*

*Escritório de S na agência de publicidade. X está sentado em frente a S do outro lado da escrivaninha. S tem a ficha de X sobre a mesa.*

S – Não tem experiência nenhuma com computador?

(*X balança a cabeça negativamente.*)

S – Tu tem consciência que o teu salário vai ser menos de um terço do que tu recebia lá?

X – Tenho.

(*Pausa curta.*)

X – É, tenho.

S – Isso não vai se tornar um problema pra ti?

X – Até vai, mas...

S – Tu falou que sustentava um pai doente.

X (*avança na cadeira.*) – Isso é o que mais me preocupa. (*Cai para trás na cadeira.*)

No fundo eu já tô achando tudo isso uma loucura.

S – Tu me desculpa. Eu não quero te fazer desistir de trabalhar aqui na agência, só que eu me vejo na obrigação de esclarecer tudo contigo. Faço isso em toda entrevista de emprego.

X – Eu entendo. O senhor foi muito legal comigo. Fui eu que me precipitei. Acho que o meu lugar é lá, no meio das éguas mesmo e não aqui. E tem o meu pai.

(*Curto silêncio.*)

X (*olhando para a estante de livros.*) – Eu também gosto muito de ler.

S (*surpreso.*) – Ah, é?

X – É. Mas o meu patrão não aprova. Acha que a literatura é a culpada por não estarmos ganhando mais.

S – Que bobagem! Ele deve ser um grande imbecil. (*Procura alguma coisa na ficha de X.*)

(*X sorri envergonhado.*)

S – A decisão é tua. Deixa eu só ver se eu conheço essa figura esdrúxula.

(*E entra de sopetão. A e X se viram para E.*)

E – Já tá decidido. Se ele chegou até aqui, é claro que ele vai ficar.

X (*se levanta.*) – Não. O teu irmão tem toda a razão. Foi uma atitude muito precipitada.

E – Mas e todo o meu esforço pra te arrancar daquele galpão imundo e fedorento?

X – Eu gosto de lá. Não é isso que me incomoda.

S – Não se bate mais na porta?

E – Ele pede pra mim pra sair daquela vidinha eqüina e agora amarela.

S – Ele é um cara sensato. Tem um pai doente pra sustentar.

E – E por causa do pai vai ficar enterrado pra sempre embaixo do feno?

X (*estende a mão para S.*) – Eu te agradeço.

S (*examinando a ficha de X.*) – Deixa eu só ver quem...(*olha para X. Olha para E.*)

Por que tu não me disse antes?

E – Ele não vai se importar. E além disso quem tem que ficar preocupada com isso sou eu e não tu. Um antigo e esquecido amigo de infância.

S (*para X.*) – Tu pode esperar ali fora um pouquinho?

E – Vai melar tudo agora por causa de uma amizade que nem mais existe? O gorducho nem se lembra que tu é o meu irmão. (*Debruça-se sobre a mesa, pega uma caneta ocre e desenha numa folha de papel.*)

(*X observa os seios de E que quase escapam pela blusa.*)

E – A cabeça...as pernas curtinhas...o cabelo engomado...e o barrigão. (*Ergue-se e entrega o desenho para S.*) Pronto. Tu vai dar pra trás por causa disso aí?

X – Eu acho melhor deixar vocês dois a sós. (*Faz menção de sair.*)

E – Espera.

(*X se vira para E.*)

E – Tu me espera ali no sofá e não vai embora!

(*X sai.*)

E – Qual é, hein?

S – Isso te pergunto eu.

E – O cara me levou na corrida de cavalo, me apresentou pro jóquei, eu bondosamente escutei a história dele e tô tentando ajudar o cara.

S – Ele te convidou pra ir com ele assistir o grande prêmio?

E – Foi. Por quê? Não posso? Tu deve achar que eu não tenho classe pra usar um chapéu, não é? Ou então não tenho dinheiro pra comprar um. (*Anda pela sala com deboche. Pára. Olha para S sedutora.*) Foi ele que me comprou.

S – Eu não acredito.

E – Ele que ofereceu.

S – Tu não pode usar as pessoas desse jeito.

E – Isso é problema meu.

S (*senta-se à escrivaninha.*) – Eu não vou dar o emprego pra esse cara. Ponto final.

(*E fica estupefata.*)

S (*olha para E.*) – Ouviu?

E – Eu não tô entendendo esse surto ético de uma hora pra outra.

S – Eu sempre fui um cara ético.

E – Com um gordo fedorento, que vive arrotando...ah, conta outra. Vive passando teus clientes pra trás.

S – Ele não é meu cliente. É meu amigo.

E – Quer dar a bunda pra ele, é isso?

S (*amassa o desenho de E e joga na lixeira.*) – Tu tá me confundindo contigo mesma. Agora sai.

E (*sussurrando com fúria.*) – Eu quero dar pra esse jóquei sim, e tu vai me ajudar, tá entendendo?

(*S faz que não escuta E. E pega no braço de S com força. S olha para ela.*)

E – Tu tá me entendendo? (*Sai batendo a porta.*)

(*S chora.*)

#### *4. Atende o telefone de costas*

*Arquibancadas do Jóquei Clube.*

S – E ela sabe se comportar?

O – Mas ela é tua irmã, cara. Tu deve saber disso melhor do que eu.

S (*sorvendo uma margherita lentamente.*) – Que delícia. Eu fico pensando quanto dinheiro ela deve ter gasto no vestido dela...

O (*olhando pelo binóculo.*) – Eu dei pra ela um. Como é que tu pode gostar disso aí?  
(*S se surpreende com a sinceridade de O.*)

S (*com cautela um tanto cínica.*) – Então quer dizer que...

O (*baixa o binóculo e olha para S.*) – Hu-hum. (*Sorri.*) Mui-to gos-to-sa.

S – É, tem gosto pra tudo.

O (*olhando pelo binóculo.*) – É, eu nem esperava outra coisa de ti. Não ia achar a própria irmã gostosa. Vai, sua égua!

(*S admira o comportamento de O.*)

O – Que merda! Ela era uma dica certa, essa égua.

S (*pegando o binóculo de O e olhando através dele.*) – Qual?

(*O pega nas mãos de S e posiciona o binóculo.*)

O – Essa aqui. (*Arrota.*)

(*S baixa o binóculo e olha para O.*)

O (*constrangido.*) – Desculpa.

S – Por quê?

O – Pelo arrote.

S – Não foi por isso que eu te olhei.

O – Eu te mostrei a égua errada?

*(Silêncio curto.)*

S – Eu tenho que ir ao banheiro. Segura as minhas coisas.

*(S sai.)*

O *(tira um bloco do bolso da camisa pólo.)* – Muito bem, muito bem, vamos ver aqui o que vai acontecer agora...

*(Um telefone celular toca. O atende.)*

O – Alô?

*(O telefone continua tocando.)*

O – Merda, é o dele. Atendo?

*(O telefone toca.)*

O – Alô. Como é que é? Ô...mocinho, não é ele que tá falando. É um amigo dele. O quê? Namorado um cacete! Tá me tirando pra...ah, caiu a ficha. Vai te fuder tu.

*(S se aproxima por trás de O.)*

S – O banheiro é podre.

*(O se vira para S.)*

S - A tua namorada não reclamou?

*(O encara S um pouco perplexo.)*

S – Que cara é essa?

O – Claro. Mas é claro.

S *(estalando os dedos.)* – O que que aconteceu? Alguma das tuas éguas ganhou?

O *(gargalha.)* – Tu é um amigão. *(Abraça S com força.)* Meu cunhadinho.

*(X se aproxima.)*

O – Ah, demorou, hein. Tava lendo qualquer merda, é?

*(S e X se olham. S ainda tentando entender a reação de O. X constrangido.)*

O – Esse é o meu jóquei. Tem falhado um pouco ultimamente, mas logo vai entrar nos eixos de novo.

X – A égua tá doente.

O – O que?

S – Foi a minha irmã que te ligou?

O *(vira-se. Para S)* – O que?

X – Eu preciso voltar pra estrebaria.  
O (*vira-se para X. Aturdido*) – Mas assim, de uma hora pra outra?  
S – Pode me dar as minhas coisas agora.  
O – Porra, vocês vão me deixar tonto! Um de cada vez!  
(*S consulta o seu telefone celular.*)  
S – Merda.  
X – Posso ir?  
S (*para X*) – Tu pode ficar com o livro.  
O – Que livro?  
S – Um que eu emprestei.  
O – Vocês se conhecem?  
S (*constrangido.*) – Ah...eu achei que...  
O (*para X.*) – Vem comigo, me mostra essa febre.  
S – Fica comigo. O sétimo páreo já vai começar.  
(*O olha para S e sai. X o segue.*)  
S – Caralho! Filho duma puta! Tinha que deixar meu celular logo com ele?

## 5. *Abre a geladeira de bruços*

*Garagem da mansão de O. X em frente a uma geladeira aberta. Carros.*

O – Tu entendeu bem?  
X (*de costas para O.*) – Qualquer uma?  
O (*caminhando nervoso.*) – Eu sempre confiei em ti, apostei todas as minhas fichas.  
(*Pára e olha para X. X fecha a geladeira com os cotovelos.*)  
O – Tu não pode ter degradingolado assim de uma hora pra outra. Me conta o que tá acontecendo. É dinheiro? (*Tira várias notas da carteira e joga no chão.*)  
(*X olha para as notas e alcança uma lata de cerveja para O.*)  
O (*abrindo uma lata de cerveja.*) – Então é mulher. Se é mulher, é problema de dinheiro. Ó, pega aí o que tu precisar.  
(*X se senta e encara O. O se aproxima de X, bota o pé sobre uma cadeira e encara X de perto.*)  
O – Ele me contou tudo. Que tu foi lá pedir emprego pra ele e o escambau.

X – Que eu fui pedir emprego. Eu?

O – Vai dizer que não foi.

X (*sorrindo com deboche.*) – Então tá. Fui.

O (*caminha pela garagem.*) – Ah, meu Deus, agora vocês todos resolveram me botar na roda.

(*X empina a lata de cerveja.*)

O (*irritado.*) – Olha aqui, ó, eu não quero saber de substituição.

X – Mas o senhor não falou que eu...degringolei?

O – Tu não brinca comigo...

X – Eu só tô repetindo as tuas palavras.

O (*conclusivo.*) – Eu vou falar com o teu pai.

(*Pausa curta.*)

X (*indo até a geladeira.*) – Deixa o velho fora disso.

O (*indo atrás de X.*) – O velho não vai agüentar a desfeita. Ele te preparou. Ele deu a vida pra fazer de ti um campeão.

(*X abre a geladeira, pega uma lata de cerveja e fecha a geladeira com o cotovelo. X se vira e se depara com O.*)

O – Tu não vai conseguir pagar os remédios com o teu salário lá.

X (*abrindo a lata.*) – Não to conseguindo pagar agora.

O – Eu pago.

(*X se engasga e olha para O.*)

O – Eu te quero comigo, do meu lado. Eu preciso de ti.

X – Pra algumas pessoas o estudo é importante.

O – Canudo não traz dinheiro pra ninguém.

X – Eu não tenho uma família que me sustente.

O (*batendo no peito.*) – Mas tu tem a mim. Eu valho muito mais do que uma merda duma família!

X – To be or not to be.

O (*bate palmas. Com ironia.*) – Bravo! Bravo!

(*X mira a latinha na lata do lixo.*)

O – Se acertar, continua o jóquei brilhante que sempre foi. Se errar, queima aquele monte de livro inútil, alimento de traça.

(*X olha para O. X larga a lata na mesa. X sai. O ri de satisfação.*)

## 6. *Demora no banho sentada*

*Banheiro do apartamento de S. A porta está aberta. S está sentado numa banheira cheia de água, de olhos fechados, esfregando seu pescoço lentamente com uma esponja rosa-choque. Ele escuta “Sonho de Ícaro” no stereo player num volume alto. Depois de algum tempo, X cautelosamente bate na porta. S não escuta. X baixa o volume do stereo. S abre os olhos e dá um grito assustado. X se molha com o susto de S.*

S – Criatura! Como é que tu conseguiu entrar?

X – Eu...a vizinha me viu ali e...ficou nervosa achando que...

S (*envergonhado.*) – Tu falou oito e meia, então...

X (*sentando-se num banquinho.*) – Eu sei, eu sei. (*Botando as mãos na cabeça.*)

Mas eu queria resolver logo essa parada.

(*S faz menção de puxar a toalha.*)

X (*olha para S.*) – Eu podia ter te ligado.

S – Podia.

(*X e S se olham.*)

X (*levantando-se.*) – Quer que eu te alcance a toalha?

S (*encolhendo-se.*) – Ah, não. Não, obrigado. Eu vou ficar aqui dentro. Se tu não te importar.

X (*sentando-se.*) – Eu decidi continuar com a minha vida. Não devia nunca ter saído dela.

(*S se inquieta na banheira.*)

X – Te agradeço pelos livros que tu me emprestou.

S – Não vai querer mais nenhum?

X – Melhor não. Ele vai implicar. E eu tô de saco cheio. Quero sossego.

S (*interessado.*) – Ele é tão chato assim mesmo?

(*X assente com a cabeça.*)

S – Sobre aquele dia lá no jôquei, eu acabei te entregando sem querer, tu me desculpa. Tinha acontecido uma coisa muito chata e...ele chegou a te comentar?

X – Sobre o que?

S – Sobre mim.

X – Só disse que tu falou pra ele que eu tinha ido lá.

S (*aliviado.*) – Ah...

X – E que tinha sido eu que tinha decidido ir.

S – E não foi?

X – Foi a tua irmã.

S (*levantando-se indignado.*) – Eu sabia.

(*S percebe sua nudez e puxa a toalha rapidamente.*)

X – Mas eu não quis dizer nada. Ia arranjar mais confusão. Eu já aprendi que com essa gente do dinheiro...tem as suas exceções, é claro...mas via de regra, eles só querem meter no da gente.

S – Típico dela. Continua enrolando ele.

X – Eu não quero nada com ela. Que fique bem claro isso.

S – Isso quer dizer que ela já tentou alguma coisa contigo então.

X – É...

S – E eu que achava que era uma fantasia daquela desvairada...

X – Fica chato porque ela é a mulher do meu patrão.

S – Quanta sem-vergonhice. Mas fica tranqüilo. Eu vou dar um jeito nisso.

(*X e S se olham. X se levanta apressado.*)

X – Mas então tá. Já dei o meu recado. Obrigado mais uma vez. (*Sai.*)

S (*berrando.*) – Bate a porta!

(*S coloca a mesma música de antes enquanto se seca.*)

## *7. Ri de pernas cruzadas*

*Restaurante sofisticado.*

O – Olha só! A gente paga o olho da cara pra essas lésbicas, e elas nos servem cinqüenta gramas de vitela.

E (*saboreando.*) – Com um delicioso chutney de manga por cima...

(*O observa E.*)

O (*rindo.*) – Tu é uma gracinha, sabia? Consegue afugentar o meu mau humor.

E (*passando a mão no rosto de O.*) – Mesmo?

(*O se inquieta com o gesto de E.*)

E – Mas qual o problema das donas serem um casal de lésbicas?

O (*sem jeito.*) – Ah, é o jeito de xingar.

E – Tu não tem nenhuma amiga sapata?

O – Claro que sim.

E – E...gays?

O (*desconfiado.*) – O que é que tem?

E – Conhece algum?

(*O encara E sério.*)

O (*sorrindo, aproxima-se do rosto de E.*) – Este assunto não tem nenhuma graça. Mulheres são bem mais interessantes.

E – Acha mesmo?

O (*lânguido.*) – Hu-hum.

E (*cortante.*) – Tô com sede.

O – Essa brincadeira dá sede mesmo. É um esforço sobre-humano de encontrar a comida dentro desse prato gi-gan-tes-co. Olha o tamanho disso aqui.

E (*largando o garfo no prato.*) – Ai, chega. Tô muito lambuzada?

O – Deliciosamente.

E – Ui, isso não é nada sedutor.

O (*com deboche.*) – E quem tá seduzindo alguém aqui?

(*E olha para O.*)

O – Eu achei que tu já tivesse seduzida há muito tempo. (*Cruza as pernas.*) Então vamos fumar.

E – E pode aqui?

O – As tuas amigas são muito liberadas. Isso tem as suas vantagens. E eu vou adorar te ver com um charuto na boca.

E – Eu adoro.

(*O corta o charuto.*)

E – E gosto também dessa tua classe. Um estilo meio...

O (*tentando acender o charuto.*) – ...meio?...

E – Desengonçado de ser. Fica de pés descalços na festa da mala do meu irmão. Agora cruza as pernas pra acender um charuto.

O – Acender um charuto pra ti.

E – Isso me excita, sabia?

O – Então vai ser hoje. (*Olha para ela.*) Vai, né?

(*O entrega o charuto aceso para E.*)

E (*dando uma baforada.*) – Ainda não tenho certeza se eu quero isso.

O – Ah, conta outra. Pra que ficar me cozinhando desse jeito, pô?

E – Sou moça direita.

O – Debochada. (*Dando uma baforada no charuto.*) Debochada não. Cruel.

(*E dá várias baforadas com muito prazer.*)

O – Tu faz assim com todos os caras, é?

E – Não. Só com os que realmente me interessam.

O – E eu estou nessa lista?

(*E dá uma baforada no rosto de O. O tosse.*)

E – Eu quero uma sobremesa. Uma mousse au chocolat.

O – E depois da mousse, quem vai querer uma sobremesa sou eu.

(*E traga, segura a fumaça por um tempo e solta lentamente uma grande quantidade de fumaça.*)

## 8. *Esquece um nome deitada*

*Casa de massagem.*

E – Viu como eu sou boa pra ti? Tu devia considerar isso.

S (*o prazer da massagem impede a pronúncia clara das palavras.*) – Se tu olhar pra tua conta bancária tu vai ver que eu te considero e muito.

E – Te divertiu bastante?

S – Baixa.

E – Tinha alguém interessante na sauna?

S – Pra mim ou pra ti?

E (*rindo.*) – Eu não preciso mais disso. Eu tenho satisfação garantida fora daqui.

S – Duvido que seja com o...como é mesmo o nome dele ? O... o jóquei.

(*E pára repentinamente a massagem.*)

E – Tu tem falado com ele?

S (*com ar de superioridade.*) – Ele foi lá casa essa semana.

E – Na tua casa? Fazer o que? Por que não me contou? Hein?

S – Continua a massagem.

*(E massageia S com impaciência.)*

E – Fala, seu puto.

S – Tinha sim.

E – Tinha o quê?

S – Tinha um cara muito gostoso na sauna. Ele me disse o nome, mas eu também esqueci.

E – Eu não tô interessada nisso, eu quero saber o que é que ele foi fazer na tua casa. Tu chamou ele, não foi? Ele ta te comendo?

S – Pra que ser sempre tão vulgar assim? Tu é uma guria bonita. Anda com caras da high society. Precisa polir esses teus modos.

*(E se abaixa e se aproxima do rosto de S.)*

E – Tu tá me torturando? Por quê? Eu juro que eu não tô entendendo.

S *(pensativo.)* – Será que eu consegui ser tão discreto assim até agora?

E *(levanta-se e coloca mais óleo nas mãos.)* – Porra, eu sei que eu não sou santa, mas tu consegue me massacrar. E eu fico pensando por quê.

S *(sentando-se.)* – Ele desistiu de trabalhar na agência.

E *(estupefata.)* – Desistiu?

S *(batendo no próprio ombro.)* – Faz aqui, ó. É onde a tensão se acumula.

E – Mas ele tava com a faca e o queijo na mão! Tudo bem que no começo ele ia ganhar menos, mas com o tempo ele ia subir *(olha para S)*, tu ia subir ele.

S – Vamos, eu tô esperando. Essa é a parte que eu mais gosto.

*(E massageia S nos ombros.)*

S – Ah, isso.

E – E ele explicou por quê?

S – Deu uma desculpa esfarrapada.

E – Eu sei por que. Aquele viado.

S – Me pegou pelado.

E – O quê?

S *(rindo.)* – Eu tava na banheira. Escutando Biafra. A vizinha viu ele tocando sem parar e achou que eu tinha me matado. Tu te lembra daquela vez do cheiro de gás?

E – Aquela velha que fica com a tua chave pra cuidar da cadelinha?

S – Minha cadelinha tem nome.

E – Tá, e aí ele entrou e tu tava pelado e ele te comeu?

S – Eu não sou um cara promíscuo.

E (*abraçando S por trás com carinho e força.*) – Eu quero aquele cara pra mim, eu tô ficando louca, eu tô evitando ir lá no jóquei clube pra não fazer uma loucura.

(*Caminha pela sala.*) Mas ele é um pé-de-chinelo, não tem onde cair morto, meu Deus. E ainda tem que sustentar um pai velho e doente. (*Olha pra S.*) Eu não queria isso pra mim.

S – Eu já te ajudei no que eu podia.

E (*dá um berro.*) – Aquele gordo escroto!

S – Não fala assim dele.

(*E olha para S por um curto tempo.*)

E – Não.

(*S baixa a cabeça com vergonha.*)

E (*ri nervosa.*) – Eu não acredito. Com aquele cara gostoso atrás de ti te ligando o tempo todo?

S (*um pouco triste.*) – O que que eu posso fazer?

(*Curta Pausa.*)

E (*lentamente.*) – Então tu concordou com o emprego do cara, pra que eu ficasse satisfeita e largasse o gordo pra ti. De bandeja?

S – Tu tem uma idéia muito errada de mim.

E – E assim, eu dava um chega pra lá num cara milionário, que freqüenta as altas rodas e as melhores festas, que me leva pra comer faisão e passar as férias na Sardenha...

S (*com uma ponta de inveja.*) – Ele te prometeu tudo isso?

E –...mas que tem uma barriga flácida e arrota o tempo todo ...

S (*levanta-se da cama.*) – Eu não planejei nada disso. Eu juro. Ele apareceu na festa, e tu veio me pedindo o emprego pro jóquei esse, e eu quis te ajudar. Foi isso.

E – Tu quer me roubar o gordo e não o jóquei. Como eu fui burra!

(*S e E se olham desafiadoramente.*)

S (*irritado, recolhe suas coisas.*) – Teu plano não funcionou. O cara não quer saber de ti por perto.

E – E nem o teu.

S – Ele não quer se incomodar. (*Olha para E.*) É uma mente muito...pequena.  
E – Então por que ficar emprestando livros pra ele ler? Eu tenho horror de homens inteligentes. De óculos. Sérios e compenetrados.  
S – Pena. (*Pensativo.*) Vai ver que é pena. De imaginar que ele nunca vai sair daquela estrebaria cheia de merda de égua. (*Faz menção de sair.*)  
E (*indo para a mesinha com os óleos.*) – Ele me pediu em casamento.  
(*S pára. S vira-se para E.*)  
E – Eu ainda não respondi.  
S – E tu vai dizer o quê?  
(*Silêncio.*)  
S (*saindo.*) – Eu vou dar o meu cu. (*Sai.*)  
(*Pausa curta.*)  
(*E dá um berro jogando todos os óleos no chão.*)

### *9. Beija com o braço esticado*

*Restaurante sofisticado.*

S – Gostei.

O – A gente já veio aqui umas quinhentas vezes, (*para E*) não é?

(*E assente com a cabeça.*)

O (*acariciando o rosto de E. E sente uma pequena repulsa. S observa E.*) – O que foi, meu amor?

E (*tentando disfarçar o mal-estar.*) – Nada. Nada. (*Animando-se.*) Vamos pedir um cardápio?

S – Ele já te trouxe há horas.

(*E olha para o cardápio na mesa. E olha para S.*)

O (*abre o cardápio.*) – As carnes são maravilhosas.

S (*levemente irônico.*) – Ele tem muito bom gosto mesmo, não é maninha? Descobre lugares que ninguém nunca ouviu falar. A decoração é impecável. Discreta mas marcante.

(*O larga o cardápio e incha o peito de orgulho.*)

E (*um pouco triste.*) – Tu te lembra daquela brincadeira que a gente fazia quando criança...

O – O meu pai gosta muito de comer um prato que é uma mistura de carne moída crua com um ovo cru em cima.

(*S faz uma cara de nojo.*)

O – Mas a gente não precisa comer isso. (*Para E.*) Hoje é uma noite especial, e por isso, uma comida especial. (*Abre o cardápio.*)

S – Ao gosto de cada um. (*Para E.*) Porque cada um de nós deve gostar de uma coisa diferente, não é?

O – Eu, por exemplo, vou querer uma carne succulenta, um filé ao ponto, ao molho de pimenta. Isso. (*Para E.*) E tu?

S (*antecipando-se.*) – Eu vou querer...faisão.

O – Faisão?

(*E se agita na cadeira.*)

S – Alguma coisa contra as aves?

E (*rápida.*) – Tu não te esqueceu das alianças, esqueceu?

S – Qual o problema com o faisão?

O (*achando graça.*) – Nenhum. Só que não tem faisão aqui.

S – Ah, não? Eu queria tanto comer faisão pra comemorar essa união de vocês. As monarquias européias festejam os matrimônios com faisão.

O (*interessado.*) – É mesmo?

E (*levantando-se.*) – Eu vou ao toalete. (*Sai.*)

S – E além disso, certamente vocês vão experimentar um motel novo hoje, já reservou a suíte?

O (*desanimado.*) – Quem me dera.

S – Por quê? Tu mesmo me disse que ela era muito (*imitando O*) gos-to-sa.

O – Ela não quer dar pra mim.

(*S se surpreende com a sinceridade de O. S solta uma estrondosa gargalhada.*)

O – Cala boca, meu. Tá todo mundo olhando pra nós agora.

S – Grande merda. Ninguém ouviu nada.

O – Eu não achava que ela fosse um osso tão duro de roer. Pra acompanhar, precisa de um vinho bem encorpado.

S – Minha irmã é quase uma donzela. E eu vou pedir um espumante. Muito gás.

O – Mas ela passa uma outra impressão...

S – Ela só parece uma putinha. Mas não é. (*Maldoso.*) Tu vai te arrepender depois.

E (*voltando.*) – Que que foi. Escutei tua gargalhada lá do banheiro.

(*O dá um beijo em E com o braço esticado. E retribui com voracidade ao beijo.*)

E – Gostosão. Tô com fome. (*Arranca o cardápio de O.*) Vou querer uma carne forte, de sabor intenso. (*Para O.*) Será que servem carne de cavalo aqui?

S – Só de égua. São as éguas que são sacrificadas e abatidas.

O – Quem te contou essa bobagem?

E – Ele tá feliz com o nosso casamento. Engoliu uma enciclopédia antes de vir aqui.

S (*constrangido. Sussurrando.*) – Tu podia ter sido um pouco mais elegante e deixado pra fumar esse back depois daqui.

O – Tu fez isso? (*Beija E com os braços esticados.*) É por isso que eu quero casar contigo.

E – Então vamos lá. Pega as alianças.

(*O pega as alianças.*)

S (*levemente ameaçador.*) – Vocês tem certeza que é isso que vocês querem pra vocês?

(*E estranha o tom de S.*)

O – Pronto. Tão aqui. O que que a gente tem que fazer agora. (*Para E.*) Foi tu que teve a idéia.

S (*surpreso.*) – Ela?

O – Ela não te disse? Fez questão de respeitar a tradição. E como teu pai já é falecido, sobrou tu como o homem da família.

E – O varão. O único macho.

(*S se controla para não agredir E.*)

E (*esticando o dedo.*) – Põe.

(*S abaixa a mão de E com um leve tapa.*)

S – Não. Primeiro eu tenho que consentir. E pra consentir, precisamos de um brinde.

O – Que não seja por isso. (*Sai rapidamente.*)

S (*pressionando o dedo anelar de E com um garfo.*) – Sua putinha de quinta categoria. Agora é pra valer o negócio. Vamos ver quem consegue ficar com o troféu.

E (*livrando-se do garfo.*) – É triste ser uma pessoa solitária. Eu posso compreender a tua amargura. (*Com ironia.*) Tanto dinheiro e tão só...

S – Não esquece. Antes um pássaro na mão do que dois voando.

(*O se aproxima da mesa.*)

E – O urubu vai ser meu.

O (*sentando-se.*) – Deu. Se eu fosse esperar por essas sapatas a gente não ia brindar é nunca.

(*S pega as alianças irritado. S pega o dedo de E e força a colocação da aliança.*)

E – Ai ! Me machucou.

O – Mas somos nós que colocamos.

S – Assim a gente termina logo com isso. Me dá o teu dedo.

(*O estica o dedo anelar um pouco contrafeito. O olha para E. E baixa o olhar. S coloca a aliança no dedo de O lentamente.*)

S – Teu dedo é muito grosso.

O – Isso não pode ser um mau sinal, hein?

S – Pronto. Já tão noivos. Que mau sinal o que. Eu tenho o toque de midas, já esqueceu? Estão os dois abençoados agora. Por mim. Que sejam muito, mas muito felizes.

(*S canta “Sonho de Ícaro”.*)

## *10. Sonha com as mãos no bolso*

*Cemitério. Garoa fina. X com as mãos no bolso.*

X – Ele não me disse direito. Não tô nem com cabeça pra me lembrar.

S – Minha irmã comentou qualquer coisa. Acho que era São Paulo mesmo.

X – Ele não mistura a empresa com os cavalos.

S – Mas pelo menos ele te ligou pra dar os pêsames?

(*X sacode a cabeça negativamente.*)

S – Nem isso?

(*A garoa engrossa um pouco.*)

S – Quem sabe a gente vai ali pro bar? Eu te pago um café. Vem.

X – Não. Eu quero ficar aqui por enquanto.

*(Pausa curta.)*

S – Ele deve ter sido um cara legal contigo.

X – Foi.

S – Eu não tive a sorte de ter um pai assim.

X – Ele tava sofrendo muito. Dava pra ver no rosto dele.

S *(cauteloso.)* – Em compensação agora vocês dois estão livres.

*(X olha para S.)*

S *(corrigindo.)* – Eu quero dizer que ele não tem mais dor e tu...*(Espirra.)* Eu vou ficar gripado aqui embaixo dessa chuva. *(Abre o guarda-chuva.)*

X *(olha para o túmulo.)* – O senhor pode ir. Eu tô bem aqui.

S – Não vou sem antes te dizer que agora quem quer muito que tu trabalhe comigo sou eu.

*(X se vira para S.)*

S – A minha irmã implorou pra mim que eu fizesse isso por ela.

X – Por ela?

S – Por ti. Pro teu bem.

*(Silêncio curto.)*

S – Pensa bem. Tu não precisa mais te preocupar com o teu pai, ele tá descansando agora. E tem mais. *(Espirra.)* Eu cubro o teu salário.

*(X se surpreende.)*

S – Tu é um cara inteligente, perspicaz, sensível. Vai aprender logo a tua função. Vai crescer rápido na agência.

X *(sem jeito.)* – O senhor tá exagerando.

S – E pára de me chamar de senhor. A gente tem a mesma idade.

X – Mas por que ela implorou?

S – Ah, sei lá. Simpatizou contigo.

X – Meu patrão vai ficar uma fera com ela.

S – Isso é problema dos dois.

X – Olha quem vem vindo ali.

*(E se aproxima com passos curtos e rápidos. E abraça S e busca abrigo sob o guarda-chuva.)*

E *(para S.)* – O que tu ficou fazendo aqui?

S – Eu que te pergunto. Por que tu voltou pra cá?

E – Não consigo achar o meu carro.

*(X olha para E.)*

E – É que ele é novo. Comprei ontem.

*(E olha para S.)*

S – A gente só tava conversando um pouco.

E – Sobre?

S – Sobre a vida, ué.

X – Sobre o meu pai. Sobre a falta que ele vai fazer pra mim.

*(E olha para S.)*

E – Tu vai morar sozinho agora, não é?

X – Vou.

E – E será que vai agüentar?

S – Claro que vai. Ele é homem. Homem não precisa de companhia o tempo todo.

E – Homem que é homem, não.

*(S e E se olham desafiadoramente.)*

E – Quer que eu te leve pra casa?

S – Mas como? Se nem achar o teu próprio carro tu consegue?

X *(para S.)* – Eu aceito.

*(S e E se olham.)*

X – E eu não acho que homem não precise de companhia.

S *(puxando E.)* – A gente se fala amanhã então.

E – Mas ele disse que aceita vir comigo e não contigo. Me larga.

*(E tenta se desvencilhar de S.)*

S – Ele quer ficar mais tempo aqui com o pai dele.

E *(soltando-se de S.)* – Eu faço companhia pra ele então.

S *(perdendo a paciência.)* – Vamos embora. Eu acho que ele quer ficar sozinho.

E *(para X.)* – Tu quer ficar sozinho?

*(X balança a cabeça afirmativamente.)*

E – Mas que aceite é esse então?

S *(irritado, quase gritando.)* – Ele aceita o destino que lhe foi imposto. Pronto.

Vamos agora que a chuva tá cada vez mais forte.

*(S sai puxando E. E sai olhando para X num misto de incompreensão e contrariedade.)*

## *11. Acorda de unhas pintadas*

*Quarto de motel. A luz da manhã entra através da cortina. E está dormindo encolhida na cama. Uma garrafa de champagne num balde. Som da água do chuveiro. Ouve-se uma batida discreta na porta. E desperta, leva um tempo para saber onde está. Outra batida na porta. E olha em direção ao banheiro. E de calcinha coloca o lençol amassado para esconder os seios e vai até a porta. E, sonolenta, abre a porta. X está parado com uma pasta de documentos na mão. Os dois se olham por um tempo. E está constrangida.*

X – Oi.

E – Oi.

*(Curta pausa.)*

E – O que tu tá fazendo aqui?

X – Eu vim terminar logo com isso.

E – Ele ainda não sabe de nada. Achei que tu já tinha dito pra ele.

*(Curta pausa.)*

X – Foi ele que me ligou pra vir aqui.

*(E, humilhada, coloca a mão no rosto.)*

X – Eu nunca tinha te visto de unha pintada.

*(E olha surpresa para as suas unhas.)*

X – Eu quis esperar que passasse o grande prêmio.

E *(recompondo-se, disfarçando a humilhação.)* – Parabéns pela vitória.

*(Curta pausa.)*

X – Tu não falou nada pra ele?

*(E balança negativamente a cabeça. X observa as partes nuas do corpo de E que o lençol não cobre.)*

E – Eu não tô mais preocupada com isso. *(Larga o lençol e dá um beijo na boca de X.)*

O *(em off.)* – Tem alguém aí?

*(E fecha a porta. E corre para uma cadeira. E veste-se rapidamente. O sai do banheiro com o rosto coberto de espuma de barbear.)*

O – Tu tava falando com alguém?

E (*terminando de se vestir.*) – Tem alguém batendo na porta e eu tava gritando já vai, já vai!

(*O vai em direção à porta.*)

E – Espera. Tu não vai querer que me vejam pelada. Vai?

(*O espera E terminar de se vestir.*)

E – Pronto. Pode abrir.

(*O abre a porta.*)

E – Quem é?

O – Entra guri.

(*X entra constrangido. X olha pros lados.*)

O – Eu te chamei pra te dar os parabéns por ontem. Agora ninguém mais tira da gente essa égua maravilhosa.

E (*estende a mão para X.*) – Parabéns.

(*X olha para E.*)

O (*juntando a mão de X com a de E.*) – Cumprimenta, meu. Tá com vergonha do quê?

(*X e E ficam com as mãos juntas enquanto O fala.*)

O (*indo pro banheiro.*) – Nunca teve num motel? Esse é um dos melhores que eu conheço. Limpo e a decoração é um primor.

(*E acaricia o rosto de X.*)

O (*em off.*) – Eu costumava ir num que era muito bagaceiro. Cada suíte era decorada de um jeito diferente. Uma vez eu tava com uma guria lá e nos deram a suíte dos Flintstones. Olha que coisa mais ridícula. A cama era uma imitação do desenho animado, eu me sentia num parque de diversões para crianças.

(*X tira a mão de E do rosto dele.*)

O (*em off.*) – Eu imagino que tu deve ter sempre conseguido mulher pra ti. Tu é um cara bonitão, boa pinta. E tudo que é mulher gosta de cara metido num uniforme. Ainda mais branco.

(*X sai do quarto. A porta fica aberta. E se deixa cair na cama.*)

O (*em off.*) - Eu sei disso porque quando eu tô de terno a mulherada fica tudo olhando pra mim. E isso com o meu baita barrigão. (*Entrando no quarto.*) Falando nisso, tu... (*para E*) cadê ele?

E – Se foi.

O – Mas eu ia abrir uma champagne, não deu tempo ontem. Todo mundo veio me abraçar. Bando de viado traiçoeiro. Eles tavam com inveja, isso sim. Tá me olhando assim por quê? Ah, já sei. Tu gostou da minha surpresa, não foi?

E – Tu faz isso com as tuas éguas também?

O (*rindo debochado.*) – Não, com elas é um ferro quente na bunda mesmo. Vem cá, que eu tô a fim.

(*E sai correndo pro banheiro. Ouve-se E vomitando.*)

O (*sentando-se na cama. Com leve deboche.*) – É. Se tivesse topado tudo o que eu queria ontem de noite, não teria ficado assim enjoadinha. Ou vai me dizer que o coquetel de camarão é que tava estragado? (*Coloca as meias com dificuldade.*) Não gostou da cor que eu escolhi pras tuas unhas? Tu sempre diz que eu tenho bom gosto. (*Tenta colocar o sapato com dificuldade.*) Puta merda, eu tenho que dar um jeito nessa barriga. (*Joga o sapato longe.*) Mas afinal o que é que esse cara tá pensando, hein? Sai assim sem dizer nada? Só porque ganhou uma porra duma corridinha?

## *12. Nasce de olhos fechados*

*Estrebaria do Jockey Clube. Ouve-se os gemidos de uma égua parindo. S está inadequadamente vestido para a sujeira do lugar. S faz um movimento pendular para frente e para trás com os olhos fechados, os braços para frente com as mãos caídas. Depois de um tempo, X aparece com as luvas brancas ensangüentadas. X estranha o movimento de S. S abre os olhos e para.*

S (*alegre.*) – Nasceu?

X – Hu-hum.

S (*olhando para o sangue nas luvas de X.*) – Ela sofreu muito?

X – Provavelmente.

S – Nascer é uma coisa muito sofrida mesmo.

X – Parir é que dói. Nascer é fácil.

S – Ah, tu acha isso? (*Pensativo.*) É, pode até ser. Mas a gente não é mulher e nunca vai saber. (*Dá uma estrondosa gargalhada.*)

*(X enxágua as luvas num balde.)*

S – Tu te dá bem com as éguas, não dá?

X – Elas gostam de mim.

S – E como é que elas sabem que tu é tu?

*(X levanta-se tirando as luvas.)*

X – Pelo cheiro.

*(S fica impressionado com a resposta.)*

S – E agora tu vai continuar vindo aqui regularmente?

X – Tem alguma cláusula no nosso contrato que impeça isso?

S – Não. Ainda mais que agora tu vai ter o teu próprio carro.

*(X olha para S.)*

S – E não me faz essa cara porque eu já te disse que tu só precisa me pagar quando puder. Eu não preciso de dinheiro. E tu sabe bem disso.

*(X larga as luvas dentro do balde.)*

S – Mas homem, tu acabou de limpar elas!

X – É água. Com sangue, mas água.

*(S consulta seu telefone celular.)*

X – Posso te perguntar uma coisa?

S *(para si mesmo.)* – Graças a Deus ele parou de ficar me ligando. Cara chato. Não saía da cola. *(Para X.)* Hein?

X – Por que tu tá fazendo isso?

S – O que?

X – Me dando essa chance.

S *(embaraçado.)* – Ué. Por ti! Pela minha irmã.

X – Eu ainda me lembro daquele dia em que eu fui lá na agência pela primeira vez.

S – Pelo teu talento. Eu acredito no teu potencial.

X – E não faz tanto tempo assim.

S – Mas por que essa tua preocupação?

X – Pra entender. Eu gosto de entender as coisas.

S – Não tem o que entender.

X – Meu ex-patrão só deu um sorriso.

S *(interessado.)* – Ah, é?

X – É.

S *(com uma certa frustração.)* – Achei que ele fosse espernear.

X – Eu também.

*(Curta pausa.)*

S – Tu vai comigo ou fica aqui?

X – Eu tenho que ficar mais um pouco pra saber como é que ela vai reagir.

S – Tá. Eu tenho que dar uma passada no shopping. A gente se vê amanhã lá na agência então. *(Sai.)*

*(X sai para o estábulo da égua que pariu. O entra sorrateiramente por detrás da estrebaria. Olha na direção de S. Sorri. Coloca o pé no balde com água ensangüentada e lentamente vai empinando até derrubá-lo por completo. Observa a água se espalhando pelo solo. Depois de um tempo, X entra. O olha para X com um certo sarcasmo.)*

O – Eu tropecei. Nos teus livros eu também vivia tropeçando. Agora pelo jeito tu vai ter dinheiro pra comprar muitos deles. As paredes do teu apartamento...já ganhou um apartamento também?...Vão poder ficar entupidinhas de livros.

X – A égua só fica sossegada comigo.

O – Eu vi que ele tava aqui contigo.

X – Eu não ganhei nada dele. O meu carro eu comprei com o meu dinheiro.

O – Hum, tá defendendo o patrão novo é? A mim tu nunca defendeu.

X – Ele não precisa ser defendido.

O – Bah, mas que cartaz que ele tá tendo, hein! Grande competência, não só em fazer propagandinha, mas também em roubar os empregados dos outros.

*(X abaixa-se para juntar o balde.)*

O – Eu vim pra te dizer uma coisa só.

*(X levanta o olhar.)*

O – Se tu te importar. Tem gente que não se importa. *(Debochado.)* Ele não se importaria...

*(X fica de pé com o balde na mão.)*

O *(olhando para a arquibancada com o binóculo.)* – Já andam comentando por aí que...olha só quem tá lá, devem estar comemorando que eu perdi o meu jóquei...

X *(preocupado.)* – Que o quê?

O *(olhando pra X.)* – Que tu tá comendo ele.

*(X fica estarecido.)*

O (*com as mãos abertas na altura do peito.*) – Eu só to te passando o que eu ouvi falar. (*Coloca a mão no ombro de X. Com uma certa falsidade.*) Não ia me perdoar se tu saísse daqui, que foi tua casa por tantos anos, sem te contar isso.

X (*desconfiado.*) – O povo tá falando isso, é?

O – Tá. Que gente mais filha da puta essa. Mas tu nunca percebeu nada no jeito dele? As roupas? O jeito que ele ri?

X – Na verdade eu comecei a notar no dia em que eu fui lá no apartamento dele e... (*O espera atentamente pela continuação.*)

X (*percebe a atenção de O.*) - ...ah, os móveis e a cor da parede, entende?

O (*malicioso.*) – Tudo meio rosinha, não é?

(*X assente com a cabeça.*)

O – Tá, mas não fica assim. De repente tu nem te importa com o que as pessoas comentam. (*Olha com o binóculo em direção da arquibancada.*) Ele continua lá. Tá rindo. Achando graça. Só que ri melhor quem ri por último, vai ver que ele faltou a essa aula. (*Olha para X.*) Mas a égua tá bem pelo menos.

X (*abraçando o balde.*) – Tá, sim senhor.

O – Não me chama assim. (*Lentamente com uma ponta de dúvida.*) Eu não sou mais o teu patrão.

X – É o costume.

O – Bom, deixa eu ir agora que eu tenho que entrevistar um jóquei que tá vindo lá do centro do país. Cara bom. A gente vai continuar ganhando, pode escrever isso.

X – A gente?

O (*confuso.*) – A gente. Eu e a égua. E ele. (*Irritado.*) Ah, deixa eu falar o que eu quiser. (*Dá um tapinha no ombro de X.*) Tá, vai ficar com a tua égua, vai. (*Sai.*)

(*X fica pensativo por um tempo olhando para dentro do balde. X percebe que está sobre a poça de água ensangüentada. X sai para o fundo da estrebaria.*)

### *13. Anda de cabelos molhados*

*Beira da piscina da mansão da serra de O. E e S deitados em espreguiçadeiras.*

S – Esse solzinho tá uma delícia. Muita sorte feriado com sol nessa época do ano.

E (*olhando para a piscina.*) – Delícia é ficar olhando pra esse corpo estrutural. Todo molhado.

S – Qual dos dois?

(*E vira o olhar para S sem graça.*)

S – Gosto é gosto.

(*E volta a olhar para a piscina.*)

S – Ele te disse por que resolveu nos convidar pra passar o feriado aqui?

E – Por que tu é meu irmão, ora bolas.

S – E ele?

(*E não sabe responder.*)

S – É estranho.

E – Pra que se preocupar com isso? (*Pega na mão de S. Sussurra.*) Tu não tá contente com o estado das coisas? (*Olha pra piscina sorridente.*) Eu tô.

S – Qual deles tem o pau maior?

(*E se vira para S.*)

S – Perguntar não ofende. (*Pega o coquetel de frutas e bebe segurando no canudo.*)

(*Curta pausa.*)

E – Eu não sei. Difícil de dizer.

S – Essa tua gula ainda vai te destruir.

O (*aproximando-se, de calção de banho e molhado.*) – Eu não tenho mais preparo pra ficar jogando pólo na água. Tô exausto. (*Deixa-se cair numa espreguiçadeira.*)

S – A tua caseira é um amor. Deixou um botão de rosas na minha cama. Como eu deveria interpretar este gesto?

O – Como uma gentileza de uma empregada bem mandada.

E – E precisa interpretar tudo?

S – Foi tu que mandou?

(*O sorri para S. S olha para E.*)

E – Aquele ali vai murchar dentro da piscina.

O – Ele sabe jogar muito bem. Bom jóquei e bom no pólo.

S (*ressabiado.*) – O jóquei novo. Tá indo bem?

O – Tu nunca mais foi ver as corridas? Achei que tu gostava.

S (*sem jeito.*) – Ah, eu fui aquela vez pra ver como era.

E – Não é ambiente pra ti.

*(S olha para E irritado.)*

O – Dá pro gasto. Vocês tão a fim de fumar um?

E – Não sei se a madre superiora aprovaria...

S – Vai te cagar. Por mim eu quero é mais curtir esse sol, pegar uma cor legal, porque daqui a pouco chega o inverno e a tristeza. Eu odeio o frio.

*(O tira um cigarro de maconha de uma caixa dourada. X se aproxima com os cabelos molhados.)*

S – Menino, te seca senão vai pegar um resfriado!

E – Com esse sol? Deixa ele ficar molhadinho.

S – Tá. Não tá mais aqui quem falou. E o casamento. Sai ou não sai?

O – Eu tenho que resolver uns problemas primeiro. Não quero estar com a cabeça cheia prum momento tão especial. *(O acende o cigarro e dá uma tragada longa.)*

X *(para S.)* – Eu preciso te dizer uma coisa.

*(S enrijece.)*

O *(soltando a fumaça.)* – Hum, que maravilha. É assim que eu gosto.

*(Pausa nervosa.)*

S – Então fala. Diz logo.

*(E olha para X apreensiva.)*

X – Não vai dar mais.

E – O que?

S – Traduz.

O – Ninguém vai me acompanhar nessa excursão pelos prazeres da vida?

X – Decidi voltar pro meu lugar.

S *(olhando para O.)* – Tu sabia disso?

O – Ele me disse quando tava perdendo de cinco a dois. *(Traga a fumaça.)*

S – Mas por quê? Tu tava tão bem na agência. Todo mundo te elogiando. *(Para E.)*  
Eu até comentei contigo, lembra? *(Olha para X.)*

O *(com a fumaça presa.)* – No fim ele ganhou a partida.

E – Tu sempre quis isso pra ti.

O *(soltando a fumaça.)* – Ele é um vencedor nato.

X – Já tá decidido. Não vou voltar atrás.

E – E vai continuar a ser um jóquei. Com a calça branca e empoeirada. Sentado num galpão podre e mastigando grama.

S – A primeira vez que ele me disse isso, eu tava molhado dentro duma banheira.

*(O olha pra X com ironia.)*

S – Agora, ele repete o mesmo discurso. Só que quem tá molhado saindo da água é ele. *(Ríspido.)* Eu não aceito a tua demissão.

*(E olha surpresa para S.)*

O – Pra que insistir. O bom filho à casa torna. O lugar dele é na estrebaria com as éguas de raça.

S *(levanta-se e vai até O.)* – Não. Ele merece um lugar melhor. Foi atrás e chegou. Eu não vou colaborar com a queda dele.

X – Já tá resolvido. Eu peço desculpas por trazer esse assunto numa hora imprópria. Mas eu não consigo ficar segurando esse tipo de coisa. Me angustia demais. O meu lugar é na estrebaria sim. Eu sou um cara simples.

S *(exaltado.)* – Eu também sou! *(Segura nos braços de X.)* É o teu futuro que tu tá desperdiçando. *(Caminha de um lado ao outro com as mãos na cabeça.)* Meu Deus, eu te emprestei tantos livros, te ensinei tanta coisa e agora *(estala os dedos)* tudo se esvai... assim?

O – Ele sabe o que é o melhor pra ele. O pai montava. É uma tradição de família.

S *(vai até O, muito irritado.)* – A tradição existe pra ser quebrada. Essa é uma das regras da publicidade.

O *(debochado.)* – Ah, é? *(Traga a fumaça.)*

S *(caminha de um lado ao outro.)* – Isso não é verdade. Não pode estar acontecendo. *(Para. Vira-se para O.)* Tu tramou isso, não foi?

*(O olha para S segurando a fumaça. E vai até S e afasta-o de perto de O.)*

S – Te falta uma coisa básica nos melhores seres humanos. Sensibilidade. De perceber que as pessoas não são objetos que a gente movimenta como peças de um tabuleiro.

E *(para S.)* – Deu. Pára. Te acalma.

S – Eu tô bem calmo. Ainda. *(Joga-se de ponta na piscina.)*

O *(solta a fumaça.)* – Nervosinha a menina.

*(E se espanta com o comentário de O.)*

O – Não sabe perder. Precisava jogar pólo com a gente ao invés de ficar deitado feito uma...

*(O traga a fumaça. E olha para X. X está cabisbaixo. E vai até a beira da piscina. O solta a fumaça.)*

O *(remexendo na caixa dourada.)* – Eu te disse que tu ia te comprometer. Mais cedo ou mais tarde ele mesmo ia dar com a língua nos dentes. *(Olha para X.)* Viu a história da banheira? Eu nem sei que história é essa e nem quero saber, mas o que que um outro iria pensar? Que vocês tomaram um banho juntos?

*(E se vira chocada para O. X olha para E. E olha para X.)*

O *(levantando-se.)* – Eu vou lá dentro buscar mais um. Terminou. E aproveito pra ver se o jantar tá saindo conforme eu mandei. *(Sai.)*

*(E olha para X. A água escorre dos cabelos molhados de X.)*

#### *14. Pensa com os cotovelos no chão*

*Sala de estar da mansão da serra de O. Lareira acesa. Ambiente rústico, mas aconchegante. E olha para X. A água escorre dos cabelos molhados de X.*

E – O teu cabelo ainda tá molhado da piscina?

X – Não. Do banho.

E *(indo até a lareira e esticando as mãos na direção do fogo.)* – Engraçado que nessa época do ano a temperatura cai tanto quando escurece.

X *(olhando para o andar superior.)* – Eles vão aparecer? Depois do pega lá na piscina?

E – Eles tavam de cabeça quente. Daqui a pouco tão aqui bebendo como bons velhos amigos. *(Vira-se para X.)* Que é o que eles são. *(Rindo.)* Nós é que somos os intrusos.

*(X olha pra E.)*

E – O que foi?

X – Eu não contei tudo ainda.

*(Pausa curta.)*

X – É porque não ia interessar a eles.

E *(temerosa.)* – Só a mim?

*(X balança a cabeça afirmativamente.)*

E – Eu tô aqui.

*(Pausa curta.)*

X – Eu vou me casar.

*(E olha para X incrédula. E dá uma gargalhada. O entra com um copo de uísque na mão.)*

O – Alguma piada?

E – Acho que sim.

O *(mexendo no fogo com um espeto de ferro.)* – Então me conta. Não quero ficar de fora.

X – O senhor precisa de alguma coisa?

E *(com deboche.)* – Então ele já voltou a te tratar como patrãozinho dele?

*(O olha para E sem graça.)*

E – Eu tô com sede. *(Para X. Autoritária.)* Me serve de uísque.

O *(para X.)* – Pega lenha pra mim lá fora.

*(X sai.)*

O – Sou eu que te sirvo.

*(O serve uísque num copo. O faz menção de pegar um cubo de gelo no balde com o pegador.)*

E – Puro.

*(O olha para E.)*

E – Eu tenho esse direito?

O *(levando o copo até E.)* – A decisão desse cara te deixou tão incomodada assim?

E *(pegando o copo da mão de O.)* – Não. Foi o jeito que tu falou do meu irmão que me deixou assim.

O *(com um leve deboche.)* – E não é verdade?

E – Não é essa a questão. Ele sempre te tratou bem. Bem demais até.

O – E eu a ele.

E – Sarcasmo não combina com respeito. E nem com amizade.

O – Tu vai querer me ensinar isso?

*(E se surpreende com o comentário de O. E e O se encaram. S entra lentamente sem fazer barulho. E está de costas para S. O vê S, mas a linha do olhar faz com que E não perceba isso.)*

E – Ele te ama. Ele é louco por ti, assim como tu por mim.

*(O fica sério.)*

E (*se aproxima de O.*) – Ele sonha contigo todas as noites do lado dele, ele te venera, tu é tudo pra ele desde o dia em que ele te reencontrou, na mesma noite em que tu te apaixonou por mim. A menina (*vira-se e vê S. Rallentando.*) que virou mulher.

(*S olha para E com os olhos cheios de lágrimas.*)

E – Isso é um fantasma.

O – Isso é uma brincadeira de mau gosto.

S (*para E.*) - Por quê? Por quê?

E (*confusa.*) – Eu...não sei...eu fiquei...

X (*entrando com a lenha nas mãos.*) – Eu vou colocar aqui (*coloca a lenha numa cesta de vime*) e quando o fogo estiver apagando eu boto elas pra queimar. (*Limpa as mãos. Olha para os outros.*)

O (*para S.*) – Isso é verdade?

S (*corajoso.*) – É.

(*X olha para E buscando uma explicação.*)

E (*com raiva.*) – Tudo por tua causa. O fogo quem prendeu foi tu. Agora apaga. Vamos, apaga.

O – Eu te considerava. Mas agora, depois de ficar sabendo que tu...

S – Que eu o que? Que eu me masturbo pensando em ti? Que eu olho pra tua barriga e fico de pau duro? Acertou. Acertou em cheio!

(*X fica estarecido. X olha para O.*)

O (*indo até S.*) – Eu tenho nojo de ti.

(*S fecha os olhos e começa a cambalear.*)

O – Tu sabe por que o teu pupilo te abandonou? Tu acha que foi por causa do dinheiro? Por causa da tradição? Foda-se a tradição.

(*X se incomoda com as palavras de O.*)

O – Aquele pai dele vegetava já há muito tempo.

X – O meu pai não tem nada a ver com essas histórias aqui...

O (*para X.*) – Quietos! Tu tá aqui e agora a merda vai espirrar pra tudo que é lado.

S (*abrindo os olhos.*) – Ah, é essa a regra do jogo?

(*E fica nervosa. E se serve de mais uísque. Sem gelo.*)

S (*irônico.*) – A gente não vai ganhar nada pra beber do anfitrião? (*Para E.*) Me dá esse aí.

X – Eu prefiro ficar de fora destas questões pessoais de vocês três.

S – Tarde demais. Já tá mais dentro delas do que tu imagina. *(Berra.)* Me dá!  
*(E dá o copo de uísque para S. S toma tudo de um gole só. S joga o copo na lareira. O copo quebra e os cacos caem no fogo.)*

S – Foi por que então?

O *(lentamente.)* – Foi por que ele tem nojo de viado.  
*(S e O se encaram. X baixa a cabeça. Pausa nervosa.)*

S *(para O.)* – Tu te acha tão superior aos outros assim?

E *(nervosa.)* – Quem sabe a gente vai comer e esquece isso?

O – Não, eu quero ver o que ele tem pra me dizer. Meu coleguinha de aula.

X *(aproximando-se de S.)* – Olha, eu sinto muito ter sido o causador desse tumulto todo. Eu tenho muita consideração pelo senhor.

S *(debochado.)* – Consideração é muito pouco. *(Olha para O.)* Esse é um sentimento que eu não tenho por ti.

E *(puxando S para fora da sala.)* – Deu. Chega. Tudo o que tu disser vai ser pior pra ti.

S *(soltando-se de E.)* – Eu não tenho mais nada pra perder. Um não quer mais trabalhar comigo. O outro descobriu que tem um admirador secreto e sente nojo. E tu? Tem alguma coisa pra perder?

E – Pára com isso.

S *(para O.)* – Não vai te causar nenhum dano se eu te disser que tu é um zero à esquerda, um cara que vive à espreita do dinheiro do teu pai e que perde o tempo enrolando cigarrinhos de maconha. Eu sei disso.

E *(quase implorando.)* – Eu não tenho culpa *(apontando para X)* se ele decidiu isso.

S – Mas tem uma coisa que eu tenho certeza que vai demolir com essa tua empáfia. Se eu fui sempre a bichinha, tu foi o filhinho-de-papai.

E *(implorando, agarrando a gola da camisa de S com as duas mãos.)* – Eu contei pra ele porque eu queria te ajudar, te defender!  
*(S joga E no chão. O parte para agredir S, mas é contido a tempo por X.)*

S *(corajoso.)* – Antes de ser a tua putinha de aluguel, ela é a minha irmã.

O – Fala logo seu viado, que a minha paciência contigo já terminou.  
*(O e S se encaram. X segura O.)*

S – Ela tem nojo de ti.

*(Silêncio curto. S dá uma gargalhada. O se abaixa e levanta a cabeça de E pelo queixo.)*

O – Diz que ele tá mentindo.

*(E não responde. O larga o queixo de E.)*

S – O mesmo asco que tu tem de mim, ela tem de ti. A tua barriga lisa e flácida, meu objeto do desejo, a faz vomitar. Vo-mi-tar.

E *(com os cotovelos no chão.)* – Não. Um irmão jamais faria isso.

O *(rindo inseguro.)* – Ela me ama. Eu sei que ela me ama. *(Saindo da sala.)* Eu sei que ela me ama. *(Sai.)*

*(X levanta E do chão.)*

E *(olha para S.)* – E agora?

### *15. Come de joelhos apoiados*

*Sacada da mansão da serra de O. Noite de lua minguante. Céu estrelado. Mesa após o jantar. O está com o olhar fixo no seu prato sujo.*

E *(olha para S.)* – E agora?

S *(satisfeito.)* – Agora a gente toma o café e admira as estrelas. Tu já te deu o trabalho de olhar pra cima pra ver o céu que a gente ganhou hoje de presente? *(S se serve de café.)*

X – Eu sempre faço isso quando tenho que passar na estrebaria de noite.

S – Agora vai poder fazer isso um milhão de vezes, não é mesmo?

X *(olha para O.)* – Eu já tentei me desculpar.

S – E tu acha que eu devo aceitar a tua desculpa?

X – O senhor tem que entender o meu lado também.

E *(triste.)* – Ele vai se casar.

O *(para E.)* – Me diz que não é verdade.

*(E, S e X se olham.)*

O – Diz.

E *(pega na mão de O.)* – Não vamos falar nisso agora. Vamos deixar pra amanhã.

X – Eu também acho melhor.

S (*com grande irritação.*) – Não, não é melhor coisa nenhuma. Tu me deixa na mão, volta prum emprego que é uma sub-atividade, e ainda inventa de casar?

O (*levemente irritado.*) – Qual o problema com o casamento dele? Só por que tu nunca vai poder te casar, é isso?

S (*sarcástico.*) – Não, querido. O buraco é muito mais embaixo.

E (*dando-se conta. Apavorada. Para S.*) – Era mentira. Eu menti pra ti.

O – Não era pra mim que tu deveria dar esse texto?

X (*para S.*) – Por que recomeçar tudo de novo?

S – Porque eu comi com os joelhos apoiados. Porque eu fui chamado das piores coisas que um ser humano consegue ouvir. Só por isso.

O – Quem sabe tu agora cala essa tua boca. A gente já te agüentou o jantar inteiro falando abobrinha. E eu tô de saco cheio.

S – Eu acho que tu deveria pedir recomendação antes de contratar os teus funcionários.

O – Como é que é?

E (*puxando O para dentro da mansão.*) – Por hoje já é mais que suficiente.

O (*para E.*) – Então diz que me ama.

S – A ficha deles tá manchada.

E (*para S.*) – Não! Não! Eu menti.

O (*para E.*) – Diz pra esse viado do teu irmão que tu não tem nojo de mim!

E (*para S.*) – Eu nunca tive nada com ele.

O (*sem entender.*) – Nada? Então é verdade?

S – A verdade, seu trouxa, é que ela dava pro teu jóquei preferido.

(*O olha estarrecido para E. E chora.*)

O – Isso é verdade?

X – Isso é mentira!

(*O e X começam a brigar por cima da mesa. E tenta separar O e X.*)

E – Me ajuda, seu puto!

S (*tomando café.*) – Hum, que delícia.

(*X dá um soco em O. O cai e fica gemendo no chão. E acode O no chão. X segura S pela gola. S derrama o café na roupa. S procura algo no bolso do casaco.*)

X – Tu quer o quê, hein? Já não tá satisfeito com o estrago que fez na vida da gente? Até onde vai essa maldade?

(S joga um spray nos olhos de X. X larga S. E corre até X.)

E – Seu merda, vai embora daqui duma vez, (*chorando e berrando*) fora!

(E senta X numa cadeira.)

S (*indo até a ponta da sacada.*) – Que lindo esse céu, tão estrelado!

E (*vai até S. Vira S de frente para ela.*) – Eu nunca tive nada com ele. Era tudo mentira.

S (*incrédulo.*) – Ah, é?

E – É, seu merda. Eu só queria que tu pensasse que eu podia mais do que tu. Mais. (*Perdendo a força da voz.*) Mais. Mais. (*Deixa-se cair no chão.*)

O (*sentando-se no chão.*) – Tá tudo terminado. Tu tá despedido. Eu vou procurar um outro jóquei. Já devia ter feito isso há muito tempo. Na primeira vez que tu resolveu me trair.

X (*esfregando os olhos fechados.*) – Eu não traí. Era mentira dele.

O – Eu não quero mais saber quem tá dizendo a verdade. Eu cansei.

E – Eu vou te levar pro teu quarto.

O – Eu vou dormir sozinho.

E (*para S.*) – Ele vai dormir sozinho. Eu vou dormir sozinha. Mas não te esquece que tu também vai dormir sozinho.

S (*olhando pra baixo da sacada.*) – Se eu tivesse coragem, eu me jogava.

O – Não. Pelo menos isso tu podia nos poupar.

X – Viado. Desgraçado. Alguém me alcança um guardanapo molhado? Eu não consigo ver nada.

E (*para S.*) – Pra terminar com a festa, não vai cantar nada?

S – Cantar o que?

## 16. *Repousa de qualquer maneira*

Carro de S.

S – Cantar o que?

E – Qualquer coisa.

S – Ele tava deitado na beira da piscina. Deve ter fumado muito a madrugada toda.

O que foi que ele disse?

E – Não reagiu. Só disse: “Tô repousando”.

S – É o que ele fez a vida inteira. E vai continuar fazendo. (*Com lástima.*) Gostoso.

E – Ele arrotava demais.

S – Ele tinha o pau grande?

(*Pausa curta.*)

S – Ele gostava de ti pelo jeito.

(*S procura uma música no rádio. Encontra “Sonho de Ícaro”.*)

E – Não acredito.

S – Algum deles te visitou essa noite?

E – E o outro saiu bem cedo. Nem tomou café, a empregada me disse.

S – Era sério a história do casamento?

E (*suspira.*) – Acho que sim. Ele não mente como nós.

(*Pausa curta.*)

E – Tu te lembra de quando a gente era criança, toda a vez que a gente jogava alguma coisa eu tava quase ganhando, e daí tu te enfurecia, porque achava que por ser o mais velho tinha que ganhar de mim, e jogava o tabuleiro pro alto?

S – E assim eu não deixava tu contar quantos pares de memória tu tinha.

E – E eu sempre ficava com o gostinho de vitória na boca.

S – Mas não ganhava nunca.

E – E nem tu. Eu não sei qual era a sensação pior.

(*Pausa curta.*)

E – Posso tirar essa música horrorosa?

FIM